

Carta de Vladimir Herzog aos pais

Londres, junho de 1967

Londres, junho de 1967

Queridos pais e avós

Eis-nos finalmente de volta sãos e salvos. Chegamos a Londres anteontem à tarde, depois de passear 31 dias pela Europa. Como perceberam, encurtamos um pouco nossos planos. Isso se deveu a vários motivos dos quais o principal foi a tremenda saudade que sentimos do nosso filhão. E o fato é que agora, mais do nunca, é mesmo um filhão. Precisam só ver como cresceu o malandro durante o tempo em que ficamos fora! Está i-m-e-n-s-o! Quase não se consegue segurá-lo mais nos braços. Deve estar pesando uns 12 quilos (na semana que vem vamos pesá-lo e depois informaremos exatamente quantas toneladas tem). Encontramo-lo forte, sadio, ótimo enfim. E, para cúmulo de nossa felicidade, já com o primeiro dentinho despontando. Além disso, ele agora já senta com mais facilidade, percebe e brinca com tudo quanto é objeto (que logo põe na boca) e está um verdadeiro cigano de tão moreno. É que tem feito uns ótimos dias de sol em Londres e tanto os Pacheco Jordão como agora nós estamos saindo todo dia com ele a passear. Aliás é bom que se diga que hoje prosseguiremos por mais alguns dias com nosso programa de férias, pois o Vlado só deve tornar a trabalhar daqui a cinco dias. Vamos com os Pachecos a uma praia não longe daqui e ficaremos numa pensão ou num hotel pequeno, pelo menos enquanto durar o bom tempo.

Esperamos que tenham recebido nossos cartões que mandamos de diversos lugares da viagem, inclusive um de Banja Luka, e nossa carta, enviada de Roma. Num cartão que mandamos de Veneza (quando ainda não tínhamos decidido antecipar o retorno; aliás, o segundo motivo foi o mau tempo que começou a nos perseguir ali); naquele cartão dizíamos que telefonaríamos amanhã à noite. Mas como voltamos antes e como hoje vamos para a praia, não vamos poder telefonar-lhes (ontem mandamos telegrama, avisando isso. Receberam?). Deixamos a chamada para outra ocasião. Dentro em pouco deveremos receber nosso próprio telefone.

Naturalmente, vocês devem estar ardendo de curiosidade de saber detalhes da viagem. Vamos então entrar no assunto. Em resumo, tudo foi bem. Rodamos 7300 quilômetros sem nenhum problema, com a Clarice dirigindo com mão de mestre. De nosso roteiro original fizemos apenas pequenas alterações: não visitamos a costa da Dalmácia, entrando na Iugoslávia pelo norte (Gorizia) e saindo também pelo norte. Mas vamos pela ordem:

Dia 14/5 cruzamos o Canal da Mancha e fomos de Calais à Bélgica, visitando cidades pitorescas como Bruges e Gand, passando por Bruxelas. No dia seguinte chegamos a Koeln, na Alemanha, onde Vlado comprou, afinal, uma máquina fotográfica e o presente para vocês que um amigo nosso lhes levará no fim do mês que vem. De Koeln voltamos outra vez para a Bélgica, visitando (na Alemanha) Aachen (Aix-la-Chapelle), onde vimos a catedral, o trono e relíquias de Carlos Magno. No dia 17/5 passamos por Paris e de lá rumamos para a Itália, via Dijon e Genebra, passando pelo novo túnel sob o Mont Blanc, que une a Itália à França (tem 12 quilô-

metros de extensão). Nas regiões mais altas dos Alpes suíços ainda havia neve! No dia seguinte dormimos em Torino e de lá fomos para Gênova. Em Gênova ficamos quase um dia inteiro visitando catedrais, igrejas e mercados, comendo os primeiros pratos italianos (*zuppa di pesce*, uma delícia, etc.). Em seguida fomos descendo a costa da Ligúria, passando pelos belos balneários de Rapallo (onde tomamos banho de mar), e Santa Margherita Ligure. Era um caminho cheio de curvas e precipícios, mas muito bonito. A primeira cidade que nos deslumbrou foi Pisa. Naturalmente subimos na torre inclinada, que é realmente *muito* torta. A torre fica no chamado Pátio dos Milagres, onde há outros edifícios medievais e renascentistas, belíssimos (vocês verão pelas fotos que mandaremos; gastamos nove filmes, dos quais oito coloridos). O nosso amigo está lhes levando também um pequeno projetor de *slides* pois assim fica bem mais barato para nós fazer as fotos e vocês as podem apreciar melhor).

De Pisa seguimos para Firenze, onde ficamos três dias, percorrendo os principais museus, pois o que a cidade tem mesmo de bom são os museus. O resto ficou muito comercializado por causa do grande fluxo de turistas. Vimos as galerias Uffizi, Pitti, Accademia (esculturas de Michelangelo) e várias outras. Ficamos com os pés inchados de tanto andar.

Saindo de Firenze, fomos para Roma, passando antes rapidamente por uma cidade encantadora, Siena, que ainda conserva todo o encanto e a calma do seu passado histórico. Ali há uma catedral (Duomo) mais bonita do que a de Firenze. Em Roma, como sabem, ficamos hospedados (cinco dias) na casa de Birri, que remodelou seu apartamento, agora muito moderno e bonito. Ele e Carmen foram gentilíssimos conosco. Em Roma já fazia mais calor e não andamos muito de carro porque o tráfego é comparável ao de São Paulo. Mas visitamos muitos lugares interessantes, entre os quais uma catacumba, o Museu Vaticano, o Castelo de Sant'Angelo, o Pantheon, o Forum, o Coliseu e o bairro popular boêmio de Trastevere, onde comemos ótimas pizzas.

No dia 30/5 partimos de Roma em direção ao Adriático, chegando a Ascoli Piceno depois de quase cinco horas de viagem. Já no fim da tarde alcançamos Magliano di Tenna, depois de passar por Porto San Giorgio e Fermo. Em Magliano, o Vlado perguntou a uma pessoa pela casa de Emma. Chegando lá, o homem que nos acompanhou até lá a chamou. Quando apareceu na porta, o Vlado perguntou:

– Adivinha quem sou.

Ela olhou-o uns cinco segundos e disse “Aldo!”. Em seguida vieram os abraços e tudo quanto pode imaginar. Quem não reconheceu o Vlado (nem o Vlado a ele) foi o Giannicola, filho de Emma. Mas quando soube quem estava ali, ficou emocionadíssimo. Ele ficou um rapaz bonito (está com 31 anos e noivo de uma moça que mora em Roma e ganha a vida – ao que parece bastante bem – vendendo roupas feitas, nas feiras da região. Ele é alfaiate de profissão). Mais tarde apareceu a filha de Emma, Santina, que trabalha numa fábrica de sapatos perto de Magliano (o Vlado comprou ali um par, muito barato). Jantamos e dormimos na casa deles. No dia seguinte, antes de partir, almoçamos, tendo Emma preparado *tagliatelle* feita em casa; trouxeram vinhos especiais. Enfim, uma festa. Eles não moram mais na casa onde ficamos durante a guerra, mas numa outra, bem ampla, situada em frente, a poucos metros. Pagam uma ninharia de aluguel, têm geladeira, televisão, fogão a gás engarrafado etc. Emma trabalha numa escola e deve aposentar-se dentro de três anos (está, creio, com 62 anos agora, muito forte e bem-disposta, verão pelas fotos). Fotografamos a casa onde morávamos e gente que nos conhecia, como a velha Peppa,

onde papai ia ouvir rádio, e o Rinaldo que brincava com o Vlado e o Giannicola e se lembra de um sopapo que um dia levou de dona Zora... A cidade continua quase igualzinha à de antes, apenas a praça principal, onde fica a igreja, foi alargada. Na região existem hoje principalmente fábricas de sapatos e outras manufaturas. Fermo aumentou muito, com grandes blocos de residências novas. Fotografamos também a casa de Peppa (que mora em Roma agora) e a cadeia onde tio Robi ficou preso, que continua lá à espera dele!

A despedida de Emma foi muito comovente. Eles queriam por força que ficássemos ali mais alguns dias e fizeram-nos prometer que voltaríamos. Eles fazem questão que vocês vão lá se vierem à Europa. Foi realmente para nós um momento inesquecível. Giannicola acompanhou-nos depois até Pesaro, tendo a Clarice, no caminho, comprado um par de sapatos numa loja dum amigo dele. Ele, aliás, foi também duma amabilidade sem limite e ficou comovidíssimo quando nos despedimos. Em Pesaro estava se realizando um festival de cinema e lá reencontramos Birri e vimos um interessante filme brasileiro: *Terra em transe*.

Depois seguimos pelo norte passando por Ravenna onde vimos os magníficos mosaicos bizantinos. Dormimos perto de Chioggia e no dia seguinte partimos em direção a Trieste. Mas como a estrada Trieste-Veneza estava muito congestionada, resolvemos mudar de rumo e entrar na Iugoslávia, mais para o norte, via Treviso e Udine. Atravessamos a fronteira na tarde do dia 2. A primeira parada foi em Postojna, onde visitamos as cavernas. Aquilo é uma maravilha, todo iluminado por dentro, a gente visita cinco quilômetros (a caverna tem mais de trinta) fazendo metade do percurso num trenzinho e a outra metade a pé. Depois fomos até Ljubljana, onde dormimos e comemos. A comida na Iugoslávia é muito barata. Na Itália e na França os preços são quase o dobro, e isso nos lugares mais modestos!

No dia 3 partimos em direção a Banja Luka via Zagreb, chegando ali no fim da tarde. Foi realmente a parte mais triste da viagem. A região continua mostrando sinais de terrível pobreza. A lavoura quase nada tem de mecanizado, o povo se veste miseravelmente. Em Banja Luka ainda há ciganos pedindo esmola nas ruas. Mas o que mais nos deprimiu (ao Vlado principalmente) foram as inevitáveis recordações que a cidade desperta. As casas onde morava nossa família, os relatos das perseguições, que nascem em todas as conversas, o estado físico-psicológico em que se encontram amigos de vocês que ainda vivem. Logo que chegamos fomos à casa do dr. Laslo. Ele mora com a mulher e o filho (idiota) num pequeno apartamento escuro, velho e em precárias condições de higiene. Quase não sai à rua. Quem faz tudo é a mulher dele que, apesar de também estar velha e bastante doente, ainda se sustenta melhor do que ele. O dr. Laslo contou que mandou ao papai recentemente uma declaração dizendo que a firma era em nome de M. Herzog e Filhos. Papai recebeu este documento? O nosso prédio continua igualzinho ao desenho que papai tinha feito (quase igual, comparem depois com as fotos para ver se houve alguma modificação). Na parte de baixo onde era a nossa loja, há agora uma loja chamada “Metal” que vende geladeiras, fogões e artigos domésticos. Creio que é um consórcio estatal, pois vimos filiais em outras cidades. Ao lado (onde era a outra loja, à esquerda da entrada da nossa) há uma moderna loja de ótica e artigos fotográficos. Subimos até o andar onde era o nosso apartamento, onde mora uma família Disdarevic. Não entramos. Atrás (do lado direito) há um terreno baldio.

Perto do nosso prédio, à direita, vizinho ao Korso, está sendo construído um edifício de catorze andares. Fotografamos ainda as casas onde moravam os Kaff e onde era a loja dele. No

dia 4, pela manhã, a mulher do dr. Laslo levou-nos a conhecer os amigos do papai que, como era domingo, encontramos na rua ou no café do Palace Hotel (onde aliás dormimos, pois não havia vaga em outro hotel e onde pagamos o preço mais alto de toda a viagem: quase 6 mil dinares por uma noite, sem café; o que equivale a uns doze contos. E por um quarto sem banheiro, porque com banheiro era ainda mais caro).

Mas como íamos dizendo, encontramos alguns amigos de papai: o dr. Leon Poljokan, que ainda leciona na Escola de Medicina e que manda um grande abraço; com ele estavam um tal de Biberic e um tal de Ibrahim Begovic, que dizem conhecer o papai. Encontramos também Rajko Dimitrievic, semiparalisado, andando apoiado num amigo, falando com dificuldade, mas que reconheceu vocês na foto. No Palace estava hospedado um certo Dusan Bajic, que conhecia papai e que em 1920 emigrou para os Estados Unidos junto com um tal de Robert Jelenik. E na casa do dr. Laslo estava o dr. Kalmi Alterac, que conhecia a família de mamãe, em Osijek...

Como o papai pediu, fui ao cemitério, ou melhor, ao que resta do cemitério judaico em Banja Luka. Como a Clarice já lhes deve ter contado em carta anterior, encontra-se abandonado, semidestruído. No lugar onde, pelas indicações de papai, devia estar o túmulo do irmão dele, David, não há quase nada, só do outro lado há ainda alguns túmulos mais conservados, como os da família Poljokan. Mas disse-nos a mulher do dr. Laslo que as lajes estão sendo continuamente depredadas, roubadas, sem que eles possam fazer nada, pois o terreno pertence ao exército. Com ela começamos a procurar algum vestígio do túmulo de David e já íamos desistindo quando, de repente, o Vlado bateu os olhos num pequeno bloco de pedra clara, jogada entre dois túmulos dos Poljokan. Nele podiam se ler ainda distintamente as palavras “David Herzog” e, embaixo, semiapagada, uma data que nos pareceu 1916. O bloco tem uns 45 centímetros de comprimento por talvez 20 de largura e deve pesar entre trinta e quarenta quilos. Pedimos para que fosse levado para a casa do dr. Laslo a fim de evitar que desaparecesse por completo. Ele prometeu providenciar isso no dia seguinte. Vlado pensa, se o papai concordar, em remeter essa pedra por via marítima a São Paulo para ficar no cemitério ao lado dos outros túmulos da família. Nós pagaríamos todas as despesas. Informamo-nos, até, junto a uma companhia transportadora que poderia mandá-la via Rijeka. Pedimos, portanto, para que nos informem se devemos ou não dar andamento a isso.

Ainda em Banja Luka, visitamos a Djamija, perto da qual o Vlado foi comer *krempita* como nos velhos tempos e vimos também o museu da luta antifascista, que existe perto da ponte sobre o rio Vrbas...

Depois de almoçar partimos para Osijek, voltando pelo mesmo caminho até o *autoput* Zagreb Beograd via Bosanska Gradiska (um caminho ruim, cheio de carroças, vacas, patos, galinhas, gente. Até atropelamos uma galinha; vimos e fotografamos cegonhas em ninhos sobre chaminés de telhados). No fim da tarde do dia 4 chegamos a Osijek que está ligado ao *autoput* por uma excelente estrada de concreto, que passa por Djakovo. Osijek nos surpreendeu, pois é uma cidade bem grande, com uma porção de indústrias, prédios modernos (tipo nossos IAPs) e não tão deprimente quanto Banja Luka e a Bósnia. Naturalmente ainda há uma porção de gansos pelas ruas (não do centro) mas, de resto, até que é uma cidade bem agradável. Fomos diretamente à casa de Max Hermann, que sabia de nossa vinda por carta do tio Robi. Ele e sua família foram também gentilíssimos conosco e ali jantamos e dormimos.

Infelizmente, na manhã seguinte irrompeu a guerra no Oriente Médio e, como podem imaginar, os nossos amigos ficaram transtornados, sendo impossível falar ou pensar em outra coisa. Nós decidimos que o mais prudente, caso a situação internacional piorasse, seria cair fora da Iugoslávia o quanto antes, pois numa situação de crise poderiam até fechar as fronteiras e o nosso carro com registro inglês podia ter problemas, ou ser apedrejado, já que o governo iugoslavo estava tomando o partido dos árabes.

Assim, contra nossa vontade, abreviamos nossa estada em Osijek (onde queríamos ficar mais um dia) e partimos na tarde do dia 5. Mas antes visitamos o cemitério onde está o túmulo de Leo Wolff e de sua primeira mulher, com a laje em memória dos mortos da família na guerra, o monumento às vítimas judaicas que fica numa praça de Osijek, de autoria de um escultor inglês nascido em Osijek (fotografamos tudo isso e lhes mandaremos assim que as fotos ficarem prontas); fotografamos os lugares onde eram a casa e a loja Wollner e por fim visitamos e almoçamos na casa de Blanka Stulhofer. Ela ficou emocionadíssima por ver “o filho da Zora” e chorou quando nos despedimos. Nos fundos da casa ela tem uma bonita horta com tudo quanto é fruta e legume, que ela prepara em conserva em casa. Ela pediu para que lhe escrevam, tanto a mamãe quanto o Robi. Ela foi muito simpática conosco. Aliás, todo o pessoal que encontramos em Osijek nos pareceu em condições bem melhores, mais “conservado” do que o de Banja Luka. O Max é um sujeito que se mexe bastante e é graças principalmente a ele que, por exemplo, o cemitério israelita (velho) de Osijek está muito bem cuidado, embora ele não saiba o que acontecerá depois que ele e seus amigos desaparecerem. Ele tem um filho de dezessete anos e uma filha, recém-casada, formada em Medicina, que está estagiando no hospital de Osijek (aliás, visitei a maternidade onde, segundo Max, deve ser o lugar em que nasci. Confirmem depois pela fotografia).

Termino esta carta, já longa, por aqui, porque são quase 4 da madrugada e estou morrendo de sono. Quando voltarmos da praia escreveremos sobre o resto da viagem. Um abraço saudoso a todos

Clarice, Vlado e Ivo.

LANDAU, Trudi. Carta de Vladimir Herzog aos pais. Londres, junho de 1967. In: *Vlado Herzog: o que faltava contar*. Petrópolis: Vozes, 1986, pp. 96-105.